

Capitalismo também como psiquismo: o sujeito do inconsciente

Capitalism also as psychism: the subject of the unconscious

Karina Oliveira Martins

Universidade Federal de Goiás (Brasil)

Resumo. As relações sociais capitalistas determinam um psiquismo particular cuja legalidade está circunscrita aos marcos do capital. É a partir da crítica a economia política que se pode apreender as suas bases, mas não mecanicamente, pois há uma relação dialética entre objetividade e subjetividade. A base do psiquismo encontra-se nas relações sociais capitalistas, ao mesmo tempo que o psiquismo media estas relações. Estas relações fetichizadas produzem um sujeito fetichizado, o que psiquicamente materializa-se no inconsciente. Ele incorpora o capital, assimilando também suas contradições. Há uma espécie de luta de classes psíquica em que o sujeito afirma e nega sua condição coisificada. A psicanálise é a teoria que mais avançou na apreensão do psiquismo deste sujeito, mas incorre em um conjunto de equívocos dado a sua base idealista burguesa, de modo que se defende sua supressão pelo marxismo a fim de avançar na apreensão da legalidade psíquica própria ao capitalismo.

Palavras chaves: capitalismo; inconsciente; marxismo ; psicanálise; fetiche

Abstract. The capitalist social relations determine a certain psychism whose legality is circumscribed to the framework of the capital. It is from the critique of political economy that one can apprehend its bases, but not mechanically, because there is a dialectical relationship between objectivity and subjectivity. The basis of the psychism is found in the capitalist social relations, at the same time that the psychism mediates these relations. These fetishized relations produce a fetishized subject, which psychically materializes in the unconscious, it incorporates the capital, also assimilating its contradictions. There is a kind of psychic class struggle in which the subject affirms and denies its objectified condition. Psychoanalysis is the theory that has most advanced in the apprehension of this subject's psychism, but it incurs in a series of mistakes due to its bourgeois idealist base, so that its

supersumption by Marxism is defended in order to advance in the apprehension of the psychic legality proper to capitalism.

Keywords: capitalism; unconscious; Marxism; psychoanalysis; fetish

Introdução

O capitalismo não é um mero regime econômico, ele é um modo particular de produção e reprodução da vida. Na produção e reprodução do capital é assegurado não somente a produção mercantil e a valorização do valor, mas as relações sociais que possibilitam tal movimento. No final de cada cadeia produtiva se encontram novas mercadorias e a renovação das relações sociais que asseguram que capitalistas e trabalhadores permaneçam existindo enquanto tais (Marx, 1867).

Ao produzir a vida, o capitalismo conforma uma determinada vida cotidiana, isto é, uma determinada forma de vida necessária para a reprodução individual. Portanto, ele produz uma determinada forma de existência, e como tal, produz formas particulares de apropriação subjetiva desta objetividade, o que constitui um determinado ser social (Heller, 1967). Ou seja, o capitalismo produz uma determinada forma de viver a própria vida, o que vai configurar os reflexos subjetivos desta realidade objetiva, formas particulares de apropriação desta realidade, produzindo um determinado tipo de ser com uma forma particular de psiquismo.

Este movimento não se dá por si próprio, não é um produto natural, não é fruto de uma história que se move sozinha, se dá na e pela história humana, que não é outra coisa que não atividade humana sensível. Ou seja, o modo de produção capitalista é histórico, se dá no fazer humano, em sua práxis e conforma – e é conformado – uma objetividade e também uma subjetividade. A história humana se dá nessa dialética objetividade-subjetividade e só dentro deste movimento pode ser apreendida (Marx, 1845).

A produção do capital é consubstanciada ao processo de um sujeito do capital e nesta dialética garante-se a reprodução do ciclo do capital. O que há de mais íntimo e singular está sob o julgo do capital.

Además de ser un régimen económico, el capitalismo es una realidad social, una opción política, un horizonte histórico, un modelo cultural, una matriz ideológica, un sistema simbólico. Y por si fuera poco, podemos estar seguros de que todo esto debe tener elementos, aspectos y efectos psíquicos, e incluso determinar y configurar **cierto psiquismo**

adecuado a su contexto y necesario para el buen funcionamiento del sistema capitalista. El capitalismo no podría prescindir, en efecto, de un complejo compuesto de concepciones y representaciones, expectativas y temores, motivaciones y emociones, deseos y pulsiones, actitudes y comportamientos, interacciones y relaciones, construcciones de la identidad y estructuraciones de la personalidad. Estos dispositivos nerviosos resultan imprescindibles para el organismo económico. El cuerpo capitalista no podría funcionar sin el desempeño medular de una disposición anímica en la que encontramos, por ejemplo, formas particularísimas de intercambio y de interés, de avidez y de insatisfacción, de ambición y de apropiación, de individuación retentiva y de socialización competitiva. (Pavón-Cuéllar, 2016, p.141, grifo nosso).

Como expresso pelo autor, o capitalismo abrange e determina a totalidade da existência. Tal totalidade é produzida e expressa nas relações sociais e vai conformado uma determinada objetividade e como tal, determinados processos de subjetivação desta objetividade. De tal forma que não é possível separá-los, pois os desejos, motivações e relações dos sujeitos são constitutivas do capital. Há estruturas e dinâmicas psíquicas característica do capitalismo, isto é, há um psiquismo com uma legalidade própria circunscrita à legalidade do capital. Na reprodução do capital esse psiquismo vai sendo determinado, assimilado e torna-se necessário à sua reprodução, constituindo um sujeito do capital. Esta dialética objetividade-subjetividade assegura a reprodução do capital, ela não está fora do processo de valorização do valor, ela lhe é constitutiva.

Almeja-se neste artigo aproximações iniciais desta legalidade psíquica própria ao capitalismo, em que se entende que a psicanálise, ainda que seja uma teoria idealista burguesa, é a teoria que mais avançou na apreensão desta legalidade psíquica capitalista.

Para isto, é desenvolvido o que se entende como sujeito do capital dotado de um psiquismo capitalista, como se dá a conformação deste psiquismo a partir das relações sociais capitalistas e defende-se a necessidade incontornável da apreensão da legalidade do psiquismo a partir dos processos de valorização do valor, sem no entanto, reduzir o psiquismo a uma relação de cópia e epifenômeno. Faz-se algumas críticas ao fundamento da psicanálise, ao mesmo tempo que é feita sua defesa como teoria que mais avançou na apreensão do sujeito alienado do capital. Apresenta-se elementos iniciais para um outro entendimento do inconsciente. Não é proposta nesse trabalho nenhum casamento ou relação harmônica entre marxismo e psicanálise, assume-se a crítica da economia política e o materialismo histórico dialético como fundamento a partir do qual apresenta-se possíveis caminhos embrionários para desenvolver uma

suprassunção da psicanálise. Uma tentativa de relação entre marxismo e psicanálise não é nova. Há uma vasta tradição de algum tipo de relação entre estes dois campos em que se encontram nomes como Wilhelm Reich, Reuben Osborn, Jean Audard, Erich Fromm, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Ian Parker e David Pavón-Cuéllar. Esta é uma relação tão rica e vasta, que ao longo da história distintas tradições foram produzidas, como o freudo-marxismo, a Escola de Frankfurt e mais recentemente a psicanálise lacaniana marxista. Não é objetivo deste artigo um resgate histórico ou discussão destas correntes, ainda que isso seja uma tarefa fundamental para o objetivo proposto. No objetivo restrito deste artigo, busca-se tecer caminhos de apropriação da psicanálise a partir do marxismo, mais especificamente, da crítica marxista a economia política. Assim, parte-se de autores que também fizeram tal movimento.

O sujeito do capital

O capitalismo se funda na violência brutal e generalizada e jamais pode prescindir do uso da força em sua reprodução (Marx, 1867). Seja por meio de instituições repressivas, de um rígido controle sobre o trabalho, por supervisores, câmeras, maquinaria, pobreza, fome e exército industrial de reserva, diretamente ou indiretamente, o capitalismo produz e demanda violência permanente. No entanto, ele não atua meramente a partir da força e coação. Ele produz sujeitos ativos na reprodução capitalista, que atuam não só no processo de valorização do valor, como também, em um certo nível, encarnam em si a própria dinâmica do capital (Pavón-Cuéllar, 2016).

Esta dialética objetividade-subjetividade é constitutiva do capital e estabelecer sua separação é mesmo impossível, afinal,

Sostenemos que hay un psiquismo inseparable del capitalismo, anudado con él, moldeado por él e incluso inherente a él. De hecho, desde cierto punto de vista, ni siquiera es posible distinguir el alma del cuerpo capitalista. ¿Cómo distinguir el capitalismo de ciertos cálculos mentales de industriales, comerciantes y banqueros? ¿Acaso la compulsión acumuladora del capitalista no se confunde con la propensión acumulativa del capital? ¿Y cómo podría uno siquiera concebir el capitalismo sin pensar en la codicia y en el ánimo de lucro de quienes lo encarnan? Sin el psiquismo del sistema capitalista, ¿qué nos quedaría del sistema? [...] El instinto de acrecentamiento del capital es lo que se manifiesta en el afán de enriquecimiento del capitalista. Cuando el capitalista se enriquece, obedece al capital que se acrecienta. Pero al obedecerlo, acrecentarlo y así enriquecerse, nuestro capitalista no sólo **incrementa lo que tiene, sino que también dilata lo que es**, amplifica lo que

personifica, desarrolla su personalidad, su alma, el capital. Se trata entonces de un asunto de identidad y no sólo de propiedad. Y aunque la propiedad sea precisamente aquello en lo que radica la identidad, hay aquí una inversión de los **papeles de propietario y de propiedad**, ya que al ser lo que tiene, el capitalista se ve poseído por su posesión, la obedece, la personifica y adquiere su alma, su conciencia y su voluntad. **Lo psicológico proviene y depende así de lo económico, lo cual, por su parte, se ve mediado y realizado por lo psicológico.** (Pavón-Cuéllar, 2016, p.142 e 143, grifo nosso).

A reprodução do capital demanda sujeitos singulares, que em sua existência particular encarna pensamentos, sentimentos e desejos próprios do capital – ainda que não se restrinja a isso, no caso, próprios a sua classe. Numa unidade entre “alma” e corpo capitalista. No processo de apropriação de riqueza o capitalista transforma sua existência, portanto, trata-se de um processo de conformação de um determinado ser, que em sua expressão individual conforma um determinado sujeito. No processo de alienação característico da sociedade capitalista, o capitalista é dominado por sua possessão, adquire a “alma” da coisa. Não há propriedade sem proprietário e estes se confundem. De forma, que há uma sobredeterminação do psíquico pelas relações econômicas, entendidas não em sentido restrito, mas como produção da vida.

Daqui, pode-se depreender que no capitalismo não há uma existência plena do indivíduo na medida em que este é reduzido a um exemplar de sua classe. Seus pensamentos, anseios, desejos não se dão a partir de sua mera existência singular, mas de sua existência singular circunscrita na sua pertença de classe¹. Ele não relaciona com outros como indivíduo, mas como um ser pertencente a uma classe. De forma que este mesmo processo descrito ao capitalista é também constitutivo da formação do sujeito da classe trabalhadora, que encarna em si os interesses genéricos de sua própria classe, que como tal, busca suprimir a si própria rumo a emancipação humana e, ao mesmo tempo, possui seus interesses particulares², de nível imediato e cotidiano, em que é necessário vender sua própria força de trabalho e garantir sua própria sobrevivência a despeito da sobrevivência de outros, sendo constituído por individualismo, competição, egoísmo, etc., e demais características próprias ao capitalismo. Ou seja, o(a)

-
- 1 E não só, visto que a classe responde a máxima abstração possível, descendo níveis de abstrações e alcançando a existência concreta entende-se que raça, gênero e sexualidade são consubstanciados a existência concreta da classe, de forma que também são determinantes fundamentais dos quais o sujeito é um representante.
 - 2 Importante deixar explícito que não há nenhuma oposição imanente entre a existência particular e genérica, estas existências próprias do ser social só se tornam antagônicas dentro de uma sociedade de classes, que como tal, se funda no antagonismo de classe.

trabalhador(a) encarna em si, em seus pensamentos, anseios, desejos, sentimentos, em seu psiquismo, a contradição capital e trabalho.

Retomando a citação de Pavón-Cuéllar (2016), entende-se que o psiquismo não tem vida própria, se encarna o capital é porquê há uma primazia do próprio capital, de onde provém e depende. É na dinâmica, organização e estrutura do próprio modo de produção capitalista que este psiquismo é conformado. Ao mesmo tempo, o capitalismo não paira sobre a realidade, não é uma força autônoma, ele é justamente realizado e mediado nas relações sociais constituídas por estes sujeitos que possuem um determinado psiquismo. Em suma, as relações sociais próprias ao capitalismo conformam um certo psiquismo, ao mesmo tempo que são mediadas por ele.

Tal dialética subjetividade-objetividade permite “afirmar categoricamente que el capitalismo es también un psiquismo.” (Pavón-Cuéllar, 2016, p. 141). A “alma” precisa de um corpo e o “corpo” precisa de uma “alma”, constituem uma unidade indissociável que repõe permanentemente o capital. Não sendo possível uma separação destes momentos. O capitalismo é também um psiquismo e o psiquismo possui uma existência capitalista. Silveira (2021), neste mesmo fundamento afirma que

[...] o capital cria, molda sua própria alma, seus próprios sujeitos, como a alma, ou seja, os sujeitos do capital fazem mover a complexa máquina do capital. Isso deixa evidente também que entre a alma e o capital há um laço inextricável que alguns chamam de laço social, expressão que tem o mérito de apontar para a sociabilidade capitalista. A despeito desta dupla direção, na relação entre a alma e o capital, convém não esquecer que ela é também uma relação de filiação: a filiação da alma ao capital. Filiação que se aproxima da noção de “determinação em última instância” cunhada pelo filósofo francês Louis Althusser. Por que então alma? Nessa sua filiação ao capital, a alma não parece portar nem um átomo de transcendência. No entanto, esse momento primeiro, o da filiação, está completamente envolvido pelos segredos e mistérios da forma mercadoria que irão se condensar no que, com muita sensibilidade, Marx chamou de fetichismo. Assim, o fetiche, com suas estranhezas e mandingas, ou como diz nosso autor, cheio de sutilezas metafísicas e manhas teológicas, vem inundar e compor a alma do capital (np).

Apesar da unidade e indissociabilidade entre alma e corpo capitalista, Silveira (2021) nos lembra que é o capital que produzirá um determinado sujeito, há uma sobredeterminação deste frente ao sujeito. É nas relações

mercantis marcadas pelo fetiche da mercadoria que encontraremos o segredo da “alma do capital”, da legalidade psíquica capitalista.

Silveira (2020) identifica dois momentos na análise do fetiche da mercadoria. O primeiro é a sua gênese, referente ao processo de formação histórica da forma-mercadoria em que há um automatismo, uma mecânica própria, o que, segundo o autor, Marx chama de um fetichismo automático. Este é o momento originário do fetiche.

O que nos remete ao processo de acumulação primitiva do capital, marcado a ferro e fogo, violência brutal e permanente – processo que ainda se dá na atualidade - em que não há uma captura desta subjetividade, mas um momento ainda bem embrionário de constituição deste sujeito do capital, o que não se dá de forma passiva, mas se dá entre muita luta, revolta e resistência.

Já o segundo momento

concerne aos *efeitos* produzidos pelo fetiche sobre os agentes sociais (sem os quais o fetichismo não teria o menor sentido), que, em geral, são considerados por Marx meros *portadores* (Trager) de relações sociais que existem fora deles. Aqui desaparece o automatismo do primeiro momento, não se trata mais de um movimento mecânico entre as “coisas”, mas de uma relação muito mais complexa entre a coisa-fetiche e os agentes sociais, seus objetos-sujeitos. Percebe-se que se trata da *produção* de “sujeitos” para o capital, “sujeitos” do capital. Sob esse aspecto, a relação do fetichismo com os “agentes” constitui um processo de *subjetivação*. E, numa duplicação de significado, trata-se também de um momento originário de um processo de *socialização*, o que quer dizer que estamos na presença de um momento inaugural da *sociabilidade capitalista* (a rigor, só depois desse momento é que poderíamos propriamente falar em agentes *sociais*). Esse momento instituinte nos convida a indagar se não estamos diante do núcleo originário do que poderíamos chamar de *inconsciente do social*. Aqui, estamos diante da constituição do que chamarei de *alma do capital*, no sentido não apenas de constituição de uma vida “interior”, mas especialmente como “anima” capaz de fazer girar a imensa roda do capital, isto é – e não é pouco- *de cumprir o seu papel social*. (Silveira, 2020, p. 104)

É a partir desse segundo momento que o sujeito passa a incorporar - ainda que com resistência e contradições – o capitalismo, é o momento que a alma do capitalismo é conformada e o sujeito do capital é forjado. É neste segundo momento que as relações sociais capitalistas se universalizam, e como tal, as relações sociais fetichizadas se universalizam, de forma que mesmo o sujeito pertencente a classe trabalhadora é constituído nesse

processo de subjetivação capitalista fetichizada. Seu psiquismo é circunscrito dentro desta sociabilidade, se dá sob o julgo do capital. Constrói-se uma relação muito mais complexa destes sujeitos com a coisa-fetice, que não é só de imposição – ainda que jamais prescindida dela. Cria-se uma sociabilidade, que apesar de não prescindir da violência, se dá entre sujeitos que assimilaram - ainda que não em absoluto - a dinâmica do capital, sintetizando em si as relações sociais fetichizadas do capitalismo, constituindo um psiquismo fetichizado. É esta fábrica metapsicológica, “essa esfera que condiciona os limites e possibilidades de autorealização individual do gênero humano” (Rodrigues & Lacerda, 2019, p.174). É esse emaranhado complexo do sujeito posto pela coisa, mas fazedor desta coisa que especialmente nos interessa.

Com isto, mercadoria-coisa e mercadoria-força de trabalho vão se amalgamando, sendo produzidos em conjunto. De modo que a produção mercantil por meio de relações sociais capitalistas é a criação de mercadorias, de determinadas classes e também de um determinado sujeito com um certo psiquismo.

A força de trabalho é a mercadoria mais valiosa do capitalismo a sua formação é crucial para a reprodução do capital, de modo que analisar a produção mercantil é também analisar a produção desse sujeito produzido para produzir e é por isso que podemos encontrar em Marx ensinamentos sobre o psiquismo, o que vai para além do psicológico.

Lo que Marx nos enseña es a profundizar en el psiquismo hasta el punto de atravesar la psicología. Su gesto epistemológico radical es de ruptura con lo psicológico y no sólo con lo metafísico. Más acá de lo metafísico y más allá de lo psicológico, el planteamiento marxiano es esencialmente metapsicológico [...] Marx trasciende todo esto; lo trasciende al ahondar en el psiquismo hasta su fondo económico e histórico, transindividual o supraindividual, cultural y no simplemente social, así como inconsciente y necesariamente exterior al sujeto y a su esfera psicológica. (Pavón-Cuéllar, 2016, p. 140).

O fundamento do psicológico encontra-se fora dele, o que o autor não nomeia, mas trata-se do processo de valorização do valor, que Marx desnuda em sua crítica a economia política. De forma que o psicológico se constitui e se explica para além dele próprio, existe e se expressa no sujeito singular, mas a base do seu desenvolvimento se dá fora dele e fora do próprio psiquismo, no que o autor, em diálogo com Freud, chama de uma metapsicologia. Tal apreensão desta metapsicologia se dá a partir do reconhecimento da determinação do psicológico a partir da lei do valor, no reconhecimento do trabalho como o momento predominante dos complexos

sociais. Esta determinação social do psiquismo expressa em Marx, segundo Pavón-Cuéllar (2016), diz de uma metapsicologia, em que

[...] lo importante son las “categorías económicas” personificadas y no “las personas” que surgen de la “personificación”, los “intereses” de los que uno es “representante” y no la representación misma, las “relaciones de las que el individuo es socialmente criatura” y no el individuo que “subjetivamente se considera muy por encima de ellas” (1867, p. XV). [...]Lo que interesa, en suma, no es la psicología de “los papeles económicos representados por los hombres”, sino la metapsicología de “las relaciones económicas en representación de las cuales se enfrentan los hombres unos con otros” (p. 48). (Pavón-Cuéllar, 2016, p. 144).

O fundamental a nível psíquico - ao menos numa perspectiva revolucionária, isto é, que se orienta pela superação da sociedade capitalista pelo comunismo - é apreender como as relações econômicas se corporificam e ganham vida nos sujeitos. Como os sujeitos a partir de relações sociais concretas encarnam em si, em seu psiquismo, o próprio capital. É nesta relação metapsicológica que o processo de valorização do valor vai conformando determinado psiquismo. É o sujeito como representação das relações econômicas, pois “o psíquico é a mediação particular por meio da qual manifesta-se a realização do espírito capitalista.” (Rodrigues e Lacerda, p.174, 2019). É a metapsicologia que constitui e explica o psicológico, de forma que a economia é também psicologia, ainda que não haja uma identidade entre estas. Em outras palavras, trata-se de apreender as mediações pelas quais o capital - e suas contradições - se corporifica psiquicamente produzindo um sujeito do capital, que como tal, possui um psiquismo fetichizado.

Esta transcendência da psicologia,

nos conduce al ámbito metapsicológico, más allá de la esfera psicológica, pero no más allá de lo psíquico. Simplemente llegamos a “la dimensión de lo psíquico profundo” (Freud, 1915, p. 170). [...] Lo psíquico profundo no deja de ser estrictamente psíquico por ser económico o histórico. La historia y la economía son metapsicología. Sin embargo, en esta metapsicología, trascendemos la psicología y disipamos sus ilusiones, entre ellas la metafísica, la mitología y la religión. (Pavón-Cuéllar, 2016 p.146 e 147).

O econômico e histórico não são um algo a mais, algo a parte, algo fora, eles são metapsicológicos, estudá-los é também estudar o psíquico, o psíquico se encontra neles, ainda que um não possa ser reduzido ao outro. O desafio imposto é justamente conseguir compreender o psiquismo neles e

a partir deles apreender como de um determinado modo de produzir a vida vai surgindo um psiquismo específico, como um vai constituindo o outro e quais as mediações e transformações neste processo.

Como visto, a apreensão dessa legalidade psíquica própria ao capital demanda ir além dela mesma, não se trata de uma mera escolha de pesquisa, é uma necessidade imposta pelo objeto. A crítica a economia política é um ponto de partida necessário para a apreensão da dialética objetividade-subjetividade própria ao capitalismo, visto que no capitalismo esta se funda a partir da oposição capital e trabalho. Leva-se a radicalidade, isto é, a raiz, a determinação social do psiquismo. Não é possível separar o psiquismo da vida mesma e como tal, é impossível apartá-lo do modo de produção desta vida. Produto, valor e subjetividade são consubstancialmente produzidos por meio do trabalho, a questão colocada é apreender a particularidade destes em cada sociedade. No caso capitalista, como a produção mercantil mediada pelo fetiche da mercadoria conforma processos de subjetivações específicos que formam um determinado tipo de psiquismo. Em suma, para apreender o psiquismo demanda-se ir além do psicológico, apreendendo a experiência real, do sujeito que vive, portanto, da vida em sua concretude.

A recusa a este fundamento e dialética torna esse sujeito do capital, criatura e criador desta sociabilidade capitalista fetichizada, um ser com vida própria, como se fosse uma mônada autodeterminada que cria a si mesma, com isto, fetichiza-se o próprio sujeito do fetiche.

No entanto, não basta apreender a dinâmica do capital para esgotar o psiquismo, este é um fundamento, mas não se trata de uma identidade, epifenômeno ou mera transposição entre objetividade e subjetividade, é uma relação dialética. Trata-se de algo novo, qualitativamente diferente, entre as relações sociais capitalistas e suas apropriações pelos sujeitos há diversas mediações, de forma que um não pode ser reduzido ao outro.

Trata-se de uma apreensão dialética de como o capitalismo vai determinar, atuar e se manifestar na esfera mais íntima do sujeito, das mediações pelas quais o sujeito se apropria dessas relações sociais capitalistas, inclusive, opondo-se a elas, e como ele vai construir estas relações.

Apreender as legalidades psíquicas próprias ao capitalismo passa pela apreensão da privação, dos limites do capital impostos a autorrealização humana, portanto, interessa não só o que o sujeito é, mas o que ele não é, o que pode vir a ser, mas é privado disto. Importa o ser e o não-ser. Assim, é fundamental a apreensão do que bloqueia – na dialética objetividade-subjetividade – o sujeito de se realizar como tal, o que o limita.

A questão decisiva aqui passa a ser as barreiras impostas pela metapsicologia do capital à individualidade, cuja consequência nociva fundamentalmente é o impedimento do desenvolvimento do ser em sua potencialidade, da obstrução da sua capacidade de efetivar possibilidades latentes, assim como do bloqueio da atividade e autorealização plena (Rodrigues & Lacerda, 2019, p. 174).

Continuam os autores

Em última instância, estamos nos referindo ao alcance de liberdade que pode ser efetivada pelo sujeito na sua atividade. Na qualidade da sociabilidade do capital, o sujeito perde a amplitude transformativa e está preso aos limites do psiquismo que experimenta a capacidade restritiva de ação. O funcionamento psíquico da sociedade burguesa passa fundamentalmente por uma normatividade que reduz as possibilidades dos indivíduos à mera produção e reprodução dos meios materiais de vida. Fato que nos obriga a olhar para as condições sociais e estruturais da angústia, advinda das contradições dessa nova lei da sobrevivência. (Rodrigues & Lacerda, 2019, p. 175)

A explicação deste limite encontra-se fora do próprio sujeito, mas tal bloqueio se materializa nele e ganha uma existência psíquica própria. E o que a nível psíquico bloqueia e inviabiliza a autorrealização humana? Que psiquismo é esse que experimenta a capacidade restritiva de ação? O que implica, psiquicamente falando, perder essa amplitude transformativa e a capacidade de ação? Como psiquicamente opera esta angústia? Quais são esses limites do psiquismo? Segundo Pavón-Cuéllar (2016) tais respostas encontram-se no inconsciente. Retomando uma citação acima do autor, “Marx trasciende todo esto; lo trasciende al ahondar en el psiquismo hasta su fondo económico e histórico, transindividual o supraindividual, cultural y no simplemente social, así como **inconsciente** y necesariamente exterior al sujeto y a su esfera psicológica. (2016,p. 140,grifo nosso)”. E ainda, resgatando a citação de Silveira (2020), “[...] Esse momento instituinte nos convida a indagar se não estamos diante do núcleo originário do que poderíamos chamar de *inconsciente do social*. (p.104). Trata-se do entendimento do inconsciente como o aparato psíquico que opera a dinâmica capitalista, a despeito da consciência.

Segundo Pavón-Cuéllar (2016),

En el psiquismo tal como lo concibe Marx (1867, 1885, 1894), la superestructura psicológica de la conciencia del capitalista se fundamenta en la base metapsicológica de un capital cuyo funcionamiento psíquico es “inaprehensible” (1867, p. 14), “invisible” (pp. 57, 452), “carente de sentido” (1885, p. 47), “inexplicable” (1894, p. 461), “inconsciente” (p. 614). Pero

todo esto no significa simplemente que el capital escape a la conciencia. Más allá de ser inconsciente, el capital corresponde aquí a lo que llamamos el inconsciente en la terminología freudiana. Se trata, em otras palabras, de “un sistema psíquico”, en este caso el sistema capitalista, cuyo carácter inconsciente no es únicamente un estado, situación o atributo del sistema, sino su existencia misma, su localización lógica, su estructura distintiva, su actividad inmanente y su “dotación com ciertas propiedades” (Freud, 1915, p. 168). (Pavón-Cuéllar, 2016, pp. 144 e 145)

O metapsicológico que fala Pavón-Cuéllar não é um mero além do psicológico e nem uma simples negação da consciência, é uma qualidade diferente, que possui uma outra estrutura, dinâmica e propriedade, um outro aparato psíquico. Nesses termos, o inconsciente, tal como o conhecemos, é um produto histórico das relações sociais capitalistas, é a materialização psíquica do capitalismo, é a síntese psíquica do capitalismo que bloqueia a autorrealização humana produzindo um tipo de angústia. É a expressão psíquica do próprio limite do psiquismo capitalista. É aquilo que parece irracional, incompreensível e desprovido de sentido, mas que é a racionalidade do capital incorporada pelo sujeito. É importante ressaltar que neste processo, o sujeito é ativo, ele incorpora e sintetiza de maneira singular a partir de suas relações sociais, mas compartilha uma legalidade comum deste psiquismo na medida que todos os sujeitos desse tempo histórico compartilham relações sociais comuns, isto é, relações sociais capitalistas.

Segundo Pavón-Cuéllar (2016) esta

determinación de la conciencia por el inconsciente es lo que se formula, en términos aparentemente simplistas, como determinación de la superestructura ideal por la base material, de las formas de pensamiento por los modos de producción, de los contenidos ideológicos de la conciencia por el sistema capitalista que asimilamos al inconsciente (p.8)

Assim, o inconsciente, este psicológico mais profundo, é o lugar privilegiado onde se dá assimilação das relações capitalistas. É ali que se instaura um modo de ser, de operar assentado no capitalismo – e em suas contradições – independente das convicções políticas do sujeito. São estes conteúdos inconscientes o terreno em que se assenta a consciência e seus conteúdos. É no inconsciente que as estruturas capitalistas se materializam em desejos, impulsos, conflitos, repressão e nos movimenta predominantemente a nos posicionarmos, a defender em atos o capital, a reproduzirmos e defendermos as relações capitalistas cotidianamente, ainda que com contradições, conflitos e antagonismos.

Uma das grandes questões revolucionárias acerca da subjetividade é compreender esses mecanismos psíquicos que fazem o sujeito reproduzir o capital, não só por sobrevivência, violência, imposição e costume, mas também por um desejo reificado, por um movimento ativo do sujeito em posicionar-se de uma determinada forma. Nesse movimento de afirmar-se como sujeito do capital.

Neste contexto, a representação freudiana de um “inconsciente” substancial, independente, isolado e inacessível, aparece sob uma nova luz. De um lado, está claro que esta representação deve ser rechaçada como conceito universal, mas, de outro lado, deve-se questionar em que medida descreve adequadamente determinadas formas da perda de realidade, formas relacionadas com a própria adaptação à dependência, o compromisso subjetivo com as relações de dominação capitalistas (Holzkamp, 2016, p. 74).

O inconsciente passa a ser entendido não como algo universal e transhistórico, ele ganha materialidade ao ser entendido como produto histórico capitalista. Ele é justamente a personificação do capital, ele marca esse compromisso psíquico com o capital, com aquilo que avilta, ainda que haja psiquicamente um sujeito que resista e se opõe a isso. Pode-se dizer que há espécie de luta de classes personificada em que o sujeito ora afirma sua condição como pessoa, ora afirma a condição como coisa. Há nestes termos, um inconsciente assentado na luta coisa-pessoa, o que Paulo Silveira (1986) chamou de basculação dialética entre coisa-pessoa.

O sujeito do inconsciente é a realidade de um ser social que não conquistou a si próprio, que não tem domínio sobre si mesmo, uma vez que não domina o processo produtivo da vida. Não se enxerga nas suas ações porque suas ações, predominantemente, não são suas. Se um saber que não se sabe não é exclusivo do capital, um inconsciente que determina a consciência e movimenta o sujeito a agir contra si mesmo, a se manter repetidamente em situações de sofrimento e mesmo a tirar algum tipo de satisfação nelas, este tipo de psiquismo é produto das relações sociais capitalistas. O inconsciente do capitalismo é aquilo que psiquicamente restringe a capacidade de ação, é a subtração da autodeterminação do sujeito, é o compromisso psíquico com aquilo que massacra, ainda que mediado de contradições. Essa é, a nível psíquico, a existência da pré-história da humanidade do e no ser social.

Defender esta metapsicologia não é assumir uma dominação absoluta do capitalismo frente ao sujeito, como se este se tornasse um autômato plenamente capturado pelo capitalismo. Isso seria o fim da história, uma perspectiva conservadora que nega as possibilidades revolucionárias de destruição do capitalismo e criação de uma nova sociedade. A existência psíquica do capitalismo deve ser entendida também com suas contradições

próprias. O sujeito na medida que incorpora a dinâmica do capital, incorpora também a contradição capital e trabalho. Incorpora a sua condição como mera força de trabalho indiferenciada, como coisa, mas também como pessoa, assume sua existência particular, mas também genérica. Tal psiquismo incorpora e expressa em si as dinâmicas da luta de classes próprias ao capitalismo. Portanto, o psiquismo vai se estruturar como luta, sendo marcado por antagonismos e disputas. Tal como o capitalismo cria as condições de sua própria superação ao produzir o proletariado, estas contradições também existem no psiquismo. Há a possibilidade do sujeito se rebelar contra a sua própria existência fetichizada a partir de um horizonte emancipatório e como tal, revolucionário. Contudo, o sujeito não deixa de enfrentar tais disputas, contradições e antagonismos em seu próprio psiquismo, uma vez que a superação deste psiquismo só se dá com a superação da sociedade de classes. Não se trata de um círculo fechado que inviabiliza o sujeito como representante da classe de emergir como revolucionário, não se trata de um sujeito absolutamente capturado, trata-se de assumir uma profunda dimensão, estruturação e organização capturada e dominada pelo capital, um modo de agir e ser capitalista, que não inviabiliza, mas coloca significativas barreiras subjetivas na revolta e destruição do capital.

Psicanálise: entre a potência revolucionária e a apologética burguesa

Não pode haver capitalismo que em sua desumanidade – isto é, na negação das características propriamente humana – produz uma individualidade verdadeiramente autêntica. Há um engajamento, uma aspiração, uma vontade, uma tentativa de unidade e um caminhar para construí-la, mas, ainda assim, de um sujeito estruturado como coisa-pessoa e que se relaciona como tal, e que não pode realizar todas suas potencialidades. Segundo Jacoby (1977).

a subjetividade prevalecente não é um oásis em uma sociedade estéril e desumanizada; antes, é estruturada até o amago pela própria sociedade que ela fantasia ter deixado para trás. Aceitar a subjetividade tal como hoje existe, ou melhor, como hoje não existe, é aceitar implicitamente a ordem social que a mutila. O caso, porém, não é apenas rejeitar a subjetividade em nome da ciência ou afirmá-la em nome da poesia; e sim de investigá-la a sério. Esta seriedade necessariamente implica compreender-se até que ponto a subjetividade prevalecente está ferida e mutilada; tal compreensão significa mergulhar na subjetividade, não para louvar a sua agudeza e profundidade e sim para avaliarem os danos. Significa pesquisar as configurações sociais- objetivas que oprimem e suprimem o sujeito. Só desta maneira será

possível compreender-se a subjetividade: compreendendo-se até que ponto hoje em dia ela está objetivamente atrofiada. Esta é uma noção que poderia ser considerada como uma teoria objetiva (ou não-subjetiva) da subjetividade (Jacoby, 1977, p. 13)

O modo de produção capitalista produz um sujeito atrofiado cujas potências são obstruídas. De forma que a crítica do sujeito existente deve ser também a crítica da realidade existente que produz tais sujeitos. Mas vale uma ressalva em relação a afirmação de Jacoby, a opressão do sujeito se entendida como sua supressão, inviabiliza qualquer possibilidade de transformação, reduzindo-o a mero objeto. O sujeito com sua subjetividade está mutilado e atrofiado, mas a potência do vir-a-ser existente em sua própria condição como sujeito subjetivo e histórico e nas contradições do capital permitem o sujeito se colocar como um ser ativo que confronta suas próprias mutilações e que não se reduz a elas.

Para a realização desta potência, desse confronto de si como coisa é de crucial importância a apreensão do que mutila, do que impede o desenvolvimento do ser, quais os danos ao sujeito do capital? São perguntas fundamentais do ponto de vista revolucionário e quem mais avançou em sua resposta foi a psicanálise.

Segundo Jacoby

Os conceitos freudianos denunciaram, como fraude que é, a existência do “indivíduo”. Para que este ponto fique absolutamente claro é preciso dizer que os conceitos freudianos denunciaram a fraude não para perpetrá-la, mas para destruí-la. Isto é, diversamente dos comportamentistas mecanicistas, não se tratava de provar que o indivíduo é uma ilusão, mas antes de mostrar até que ponto ele ainda não existe. Para a teoria crítica, a Psicanálise demonstra o grau de desindividualização do indivíduo pela sociedade. Ela expõe as compulsões e as regressões que deformam e mutilam o indivíduo. (Jacoby, 1977, p.45).

É importante ter em vista o grau de desindividualização, pois entende-se que se trata de níveis e não de uma desindividualização absoluta no qual este indivíduo é plenamente morto pelo capitalismo. Sua subjetividade é em algum nível capturada, ele é objetificado, mas ainda é sujeito de ação, ainda que pobremente desenvolvido. A psicanálise apreendeu esta miséria na constituição psíquica.

Ainda segundo Jacoby (1977), Freud conseguiu apreender uma dinâmica opressiva e concreta que constitui uma determinada estrutura e dinâmica de psiquismo.

Se Freud foi “conservador” por não levar imediatamente em conta a sociedade, os seus conceitos são radicais quando ele procura a sociedade onde supostamente ela não existe: no íntimo do indivíduo. Freud desfez a distinção burguesa fundamental entre particular e público, entre indivíduo e sociedade; ele descobriu as raízes objetivas do sujeito particular, o conteúdo social delas. Freud desmascarou a mentira de que o sujeito é inviolado: mostrou como ele é violado em todos os aspectos. [...] Freud, mesmo contra ele próprio, transgredia a propriedade psíquica particular; para as forças do conformismo, Freud é culpado de violentar a intimidade do psiquismo e penetrar nela. Mesmo que no final Freud justifique a civilização, no ínterim ele falou sobre a essência antagonística e repressiva desta para pô-la em questão (pp. 41 e 42)

Isso que Jacoby nomeia de “Freud contra ele próprio” é profundamente profícuo para tal movimento de apropriação crítica da psicanálise. Nesses conflitos, contradições e furos é revelado um grande potencial da psicanálise. Freud conseguiu apreender mediações fundamentais entre a dinâmica opressiva – e fetichizada – do capital e a constituição do psiquismo, como o primeiro vai engendrando o segundo e a nova qualidade e legalidade que disso vai sendo produzida. De forma que há uma apreensão da dialética objetividade-subjetividade que permite ao sujeito entender a si, seus próprios conflitos psíquicos a partir do resgate de sua história, dos conflitos objetivos que marcam sua vida e de sua maneira singular de apreendê-los (Holzkamp, 2018). Ou seja, ele vai entendendo a si mesmo a partir de suas relações sociais históricas, ainda que não se questione acerca da historicidade de tais relações.

O inconsciente freudiano é constituído por repressão, conflito e contradição, como pensar um psiquismo fora disso sendo que as relações sociais são fundadas nisso? É um inconsciente marcado e estruturado por conflitos permanentes. A psicanálise fala do sujeito mutilado, limitado e que não compreende a si mesmo, que fere a si próprio. Sujeito subdesenvolvido e não senhor de si, um sujeito que não é em sua plenitude. Vai pra além da aparência formativa e humanitária do capital e apreende o irracional e desumanizador em seu íntimo. A psicanálise desenvolve como ainda não somos, ou melhor, como somos parcialmente.

A psicanálise conseguiu apreender a dinâmica e movimento deste sujeito do capital, isto é, do sujeito fetichizado, cindido e que não é senhor de si. Há, a despeito de todo o idealismo, uma crítica social imanente a sua construção teórica. Há o reconhecimento de um sujeito alienado do próprio desejo, da família como instituição repressiva, da repressão como algo fundante do nosso psiquismo, a constatação de um mal-estar permanente e de um aparente irracionalismo que nos governa. Freud,

[...] em uma abordagem psicológica mais “mundana”, questiona os planos de mediação sujeitos à lei que nos permitem compreender temas e contradições que, aparentemente, correspondiam a uma experiência unicamente individual, agora enquanto formas concretas de expressão de temas existenciais e situações conflitivas que, a partir de um ponto de vista social humano, possuiriam caráter geral. (Holzkamp, 2018, p.64).

Entende-se a partir de Holzkamp que Freud foi capaz de apreender leis gerais do psiquismo, retirando-os de uma pura singularidade e apreendendo como formas concretas de conflitos. Mas seu problema reside justamente neste caráter supostamente geral do social humano. A psicanálise apreende a realidade em sua particularidade capitalista para em seguida negá-la, aquilo que é produto das relações sociais capitalistas é elevado a condição humana, de modo a perder a dialética singular-particular-universal. Nega-se a possibilidade de transformação, a opressão torna-se uma condição insuperável, própria a condição humana, tal como este tipo de psiquismo (Holzkamp, 2018). Com isso, nega sua própria radicalidade ao universalizar uma condição particular, naturalizando o fetiche, nomeia erroneamente ao chamar de civilização aquilo que é capitalismo, desta forma, nega seu próprio potencial revolucionário, mistifica a realidade e se afirma como teoria conservadora. Caráter conservador que se percebe claramente quando há uma suavização de uma situação presente envolvendo autoridade em nome de uma suposta rebeldia contra a autoridade do pai, isto é, quando nega os conflitos concretos existentes e os reduzem a uma trama edipiana (Holzkamp, 2018).

Em sua dignidade sujeito-científica, as categorias psicanalíticas possibilitam verdadeiras percepções das consequências subjetivas da opressão social, porém a causa da universalização precisamente destas categorias é que aos indivíduos lhes são propostas “soluções”, mas que permanecem encobertas as condições superiores, reais, de suas misérias. Ao tentar sempre de novas maneiras – e inevitavelmente em vão – solucionar seus problemas “sob” as relações existentes, um atua permanentemente contra seus genuínos interesses existenciais, enquanto exclui a perspectiva da luta comum pela superação das condições de vida limitadas. A concepção psicanalítica da superação dos recalques [Verdrängungen] se funda, portanto, em outro recalque, que abarca tudo: o recalque da relação entre a melhora da situação subjetiva e a luta por condições sociais sob as quais já não seja subjetivamente “funcional” uma conduta de vida restritiva (Holzkamp, 2018, p.70).

Oculto-se a determinação social e defende-se supostas alternativas individuais por meio da análise. Há melhoras e avanços individuais, mas a

única cura possível é a superação das condições que mutila, oprimem e fetichizam o sujeito. A cura é a revolução. Até lá o máximo que é possível a nível individual em uma psicoterapia/análise é “educação na repressão, ainda que repressão consciente” (Jacoby, 1977, p.137). Não é algo irrelevante, é só que é restrito aos marcos do capital.

Não é que a psicanálise negue em absoluto as relações sociais concretas, psicologizando-as, é que elas entram de modo marginal em relação aos conflitos da primeira infância. O que leva o conflito a ser processado inevitavelmente pelo indivíduo isolado. “Portanto, deixam-se de lado as relações sociais de opressão como condições do sofrimento presente de toda pessoa, e se deixa de lado a luta conjunta pela transformação dessas relações como meio para superar o nosso sofrimento” (Holzkamp, 2018, p.70). A própria historicidade da infância, da forma de encarar a sexualidade e da configuração familiar burguesa monogâmica não aparecem como questão e são naturalizadas.

Em suma, a grandeza da psicanálise está no reconhecimento e na apreensão de como as relações sociais opressoras e alienantes constituem o sujeito, na apreensão de mediações fundamentais entre as situações sociais objetivas e a experiência subjetiva (Holzkamp, 2018), e seu erro nevrálgico está em aceitar os limites do capital e naturalizar essas relações. Assim, reconhecer o valor da psicanálise não significa uma apreensão acrítica, uma assimilação imediata. Afinal, “a psicanálise é essencialmente biologicista, defende o individualismo, psicologiza os conflitos sociais, postula uma contradição universal entre a sociedade opressora e um indivíduo não social determinado por pulsões, favorece o irracionalismo etc.” (Holzkamp, 2018, p. 47 e 48).

Desta forma, se faz necessário resgatar a psicanálise para colocá-la sob os próprios pés, historicizando-a e trazendo uma base material para o psiquismo apreendido ali, dito de outra forma, se faz necessário despsicanalizar a psicanálise a partir da crítica marxista à economia a política, a fim de radicalizar suas próprias descobertas. (Holzkamp,2018). Trata-se de um movimento de conservação, superação e elevação a um novo patamar, de uma suprassunção da psicanálise, fundamentada no marxismo, que cria algo novo, superando tais limites, incoerências e erros da psicanálise.

Nesse movimento espera-se que

esta subjugação por parte de uma realidade brutal que entorpeceu e embotou o indivíduo, tem de ser superada, pelo menos em pensamento e em teoria, antes de poder-se alcançar a subjetividade: uma compreensão das condições materiais e sociais que mutilam o indivíduo torna-se necessária. Antes que ele possa existir, antes que possa

tornar-se indivíduo, deve reconhecer até que pondo ainda não existe. Deve renunciar a ilusão de ser indivíduo, antes de tornar-se um indivíduo. A subjetividade deve alcançar a objetividade a fim de poder-se realizar-se. Este é o ponto fundamental da questão (Jacoby, 1977, p.96)

Nessa perspectiva, torna-se fundamental a apreensão do não-ser no ser, entender o que está deformado, o que na dialética objetividade-subjetividade bloqueia o sujeito de tornar-se indivíduo e um ser autêntico. Apreender como o capital atua psiquicamente na subjugação do sujeito e como este sujeito se opõe a isso. Uma das grandes questões revolucionárias acerca da subjetividade é apreender estes mecanismos psíquicos que fazem os sujeitos reproduzirem o capital, não só por coerção e costume, mas também por desejo. Reich foi impecável, “ele escreveu que os *bloqueios* à consciência de classe são acessíveis a psicanálise; quanto mais racional o comportamento, isto é, quanto mais em harmonia com a consciência de classe, menor a necessidade de interpretações psicológicas” (Jacoby, 1977, p.110). Não seria o absurdo a grande questão? Apreender como a racionalidade do capital é apropriada pelo sujeito levando-o a agir em uma aparente irracionalidade? Não é a presença da revolta, mas sua ausência que deve nos intrigar, mais que isso, é o agir contra os próprios interesses, o engajamento objetivo-subjetivo na reprodução da própria miséria. Porque não a revolta mesmo com as condições objetivas? Como o sujeito se engaja na própria miséria? Como atua fetichizando-se, autoalienando-se, colocando-se como coisa mesmo quando objetivamente é possível outra coisa?

Considerações finais

Como defendido neste artigo, o capitalismo é também um psiquismo, psiquismo que se explica e constitui-se por meio de uma metapsicologia inicialmente apreendida na crítica a economia política de Marx. Assim, uma apreensão do psiquismo se dá a partir do entendimento da dinâmica da valorização do valor e como isto vai conformar as classes sociais que subsumem o sujeito. Em outras palavras, a apreensão do psiquismo está na apreensão da vida mesma, em como concretamente se organiza, estrutura e se dá a dinâmica da vida no capitalismo, em cada formação particular, para então começar a apreender os processos subjetivos que conformam um determinado psiquismo e como é a sua legalidade.

Reitera-se que não se trata de um processo mecânico, um não esgota o outro, um não é idêntico ao outro, a subjetividade não é um mero epifenômeno, ela retorna, ela é ativa, ela constrói a própria realidade que a determina. Trata-se justamente de apreender as mediações fundamentais entre as relações sociais capitalistas e o psiquismo próprio do sujeito do

capital, como um produz o outro, entendendo que o momento predominante são as relações sociais capitalistas.

Nesse sentido, a psicanálise tem contribuições grandiosas. Ao mesmo tempo que se reconhece todos seus problemas característicos de uma teoria burguesa que naturaliza uma realidade histórica, assume sua grandiosidade ao apreender no íntimo do sujeito, naquilo que se assume que é mais único e seu, as relações sociais capitalistas. Com isso, ela conseguiu apreender legalidades próprias do psiquismo capitalista, ainda que não reconheça isso.

Espera-se que uma suprassunção da psicanálise pautada no marxismo seja capaz de avançar neste sentido, incorporando tal legalidade e mediações apreendidas e rejeitando o biologicismo e idealismo psicanalítico, produzindo algo novo. Muito já foi feito neste sentido, visto que há uma longa tradição de diálogo entre estas duas teorias, mas em muitos desses esforços tratava-se de um diálogo, de uma junção, de um ecletismo, do uso da psicanálise para enriquecer o marxismo, o que antagônicas, desdobrando em epistemologias distintas com orientações ético-políticas igualmente distintas, motivo pelo qual defende-se a suprassunção da psicanálise pelo marxismo.

Este artigo se trata de aproximações iniciais e embrionárias. Muita pesquisa precisa ser feita para dar conta desta relação. Como uma leitura crítica aprofundada do próprio Freud, a apreensão de Lacan e as continuidades, descontinuidades e rupturas entre estes, uma leitura crítica de autores e autoras de distintas tradições que articularam de maneira crítica uma relação entre marxismo e psicanálise, o aprofundamento no próprio Marx, com atenção especial ao fetiche da mercadoria e alienação. Além de autoras e autores marxistas que fazem uma leitura do capitalismo contemporâneo. Entre vários outros aprofundamentos necessários. Entende-se a necessidade de desenvolvimento e aprofundamento em mais pesquisas a fim de superar os limites deste trabalho e avançar na proposta deste artigo que se faz aqui de forma tão germinal.

Apesar dos limites, espera-se que tenha ficado claro e contundente a compreensão de que apreender a constituição psíquica fetichizada que constitui o sujeito do capital é apreender o capital em sua existência psíquica. Levar a sério a radicalidade da afirmação da determinação social do psiquismo é apreender como o capital constitui, estrutura e dinamiza um determinado modo de psiquismo para reproduzir o próprio capital e as contradições presentes nesse psiquismo, que ao mesmo tempo que reproduz o capital encontra formas de se opor a ele. É apreender como o capital encarna, ganha vida, no sujeito fetichizado e como mesmo este sujeito do fetiche confronta o capital em sua objetividade e também em sua própria subjetividade, deixando em aberto as possibilidades de sua superação.

Referências

- Heller, A. (1967) *Sociología de la vida cotidiana*. Colección Socialismo y Libertad, 2017
- Holzkamp, K. (2016). *Ciência Marxista do Sujeito: uma introdução à psicologia crítica*. Tomo 2. Maceió: Coletivo Veredas
- Jacoby, R. (1977). *Amnésia social: Uma crítica à psicologia conformista de Adler a Laing*. (Trad. S. S. Gomes). Rio de Janeiro: Zahar.
- Marx, K. (1845). Teses sobre Feuerbach. Consultado em 01 de junho 2021 em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>
- Marx, K. (1867), *O Capital, Livro I*. (Trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2013
- Pavón-Cuéllar, D. (2016). Metapsicología del Capital. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 7, 139-149.
- Rodrigues, A. & Lacerda, F. (2019) Ideologia, individualismo e psicologia: o modo de produção capitalista e a experiência subjetiva. *Revista Teoría y Crítica de la Psicología*. 12, 163-184.
- Silveira, P. (1986) O Fetichismo da Mercadoria e a Psicanálise. Elementos para um Debate . *Revista Psicologia e Sociedade*, 2, 8-16.
- Silveira, P. (2020) “A alma do capital: o fetiche é a forma capitalista da ideologia”. *Revista Margem esquerda*, 34, 90-106.
- Silveira, P. (2021) A alma do capital. *A terra é redonda*. Consultado em 02 de junho 2021 em <https://aterraeredonda.com.br/a-alma-do-capital/>

Fecha de recepción: 2 de noviembre de 2021

Fecha de aceptación: 17 de junio de 2021